



Na floresta

(Phot. Alfredo Pinto (Sacavem).)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 2\$400

Semestre 1\$200. Trimestre 600, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 171

Braga, 7 de Outubro de 1916

Anno IV

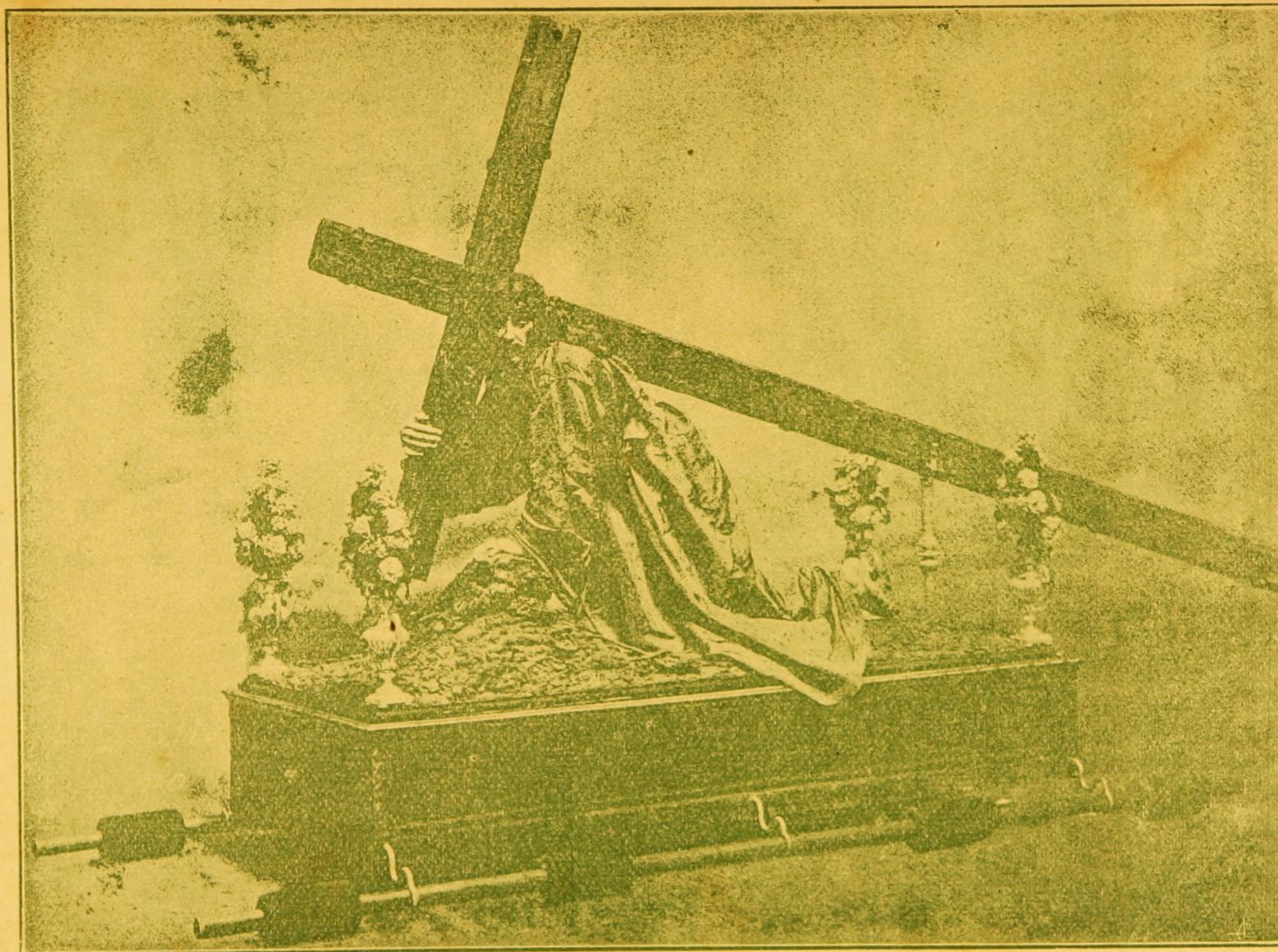
Ornamentos de Egreja da Casa Estrella



Officinas d'Esculptura e Talha religiosa
em madeira, marfim e massa

CASA FUNDADA EM 1874

AS
maiores
officinas
do Paiz



Pecam
catalogo
illustrado
com 143
gravuras

Specimen de uma esculptura em madeira

PORTO

Bomjardim 85 a 89 e rua de Santo Antonio 59 a 63

GUARDA

Representante e depositario CASA LUCENA - Rua Heliodoro Salgado



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Vilela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Veloso

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 7 de outubro de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 171—Anno IV



BRAGA—Officiaes expedicionarios do 29 regimento de infantaria

(Phot. Belleza)

CHRONICA DA SEMANA

“Té Riba Tamega...”

ERA a 23 de março de 1834—contava-me ha dias o abbade de Santo Thyrso. Os miguelistas á aproximação das forças liberaes, de caçadores, sahiram da villa para dar combate alli para as margens do rio...

E o velho e erudito abbade ao começar a narrativa do episodio, abriu de par em par as portadas do altar da sacristia, em falha, cavado de pequenos nichos onde n'este e n'aquelle, repousam hoje bustos de santos martyres.

—... Havia em cada um d'estes nichos, continuava elle, muitas reliquias. E a soldadesca e a canallia que a acompanhava, entraram aqui arrombaram estas portas e como nossem que as reliquias eram cercadas de um pequenino fio de prafa... (ainda está ali um, finissimo, que daria aquilo?)... profanaram os relicarios para roubar os fios!

Depois accrescentou:

—Ora venham aqui...

Era um pequeno cubiculo á esquerda do altar. Ao fundo uma pesada e larga comoda de amplos gavêões de castanho. Dos lados da porta, muito reforçada de chapas de ferro, dois altos armarios.

Quizéram vir aqui, á caixa forte dos cruzios. Mas a porta era resistente e arrombaram-na á balla... Cá estão os signaes das ballas ao passar, que foram bater alli...

E mostrou-as ainda, nas rodellas de chumbo cravadas nos gavêões...

—Os homens não mudam! sacou elle por fim como uma illação de investigador da historia. Lá em cima leváram os tubos do orgão...

Eu recordei em voz alta o que haviam feito os *mesmos* caçadores das riquezas dos mosteiros em Montariol, ha cinco annos.

—Sim, os homens não mudam, tornou o velho abbade erudito.

E só agora me recordo eu de que d'hoje a quatro dias se solemnisa o 6.º anniversario da républica! Ha seis annos apenas! E a final se todos nós soubessemos aprender a olhar no proximo passado de hontem a continuação do proximo passado de hoje, não andariamos tão fresvariados de utopias, e veriamos que precisamente n'aquelle dia—23 de março de 1834—e n'aquelle vetusto e rico mosteiro crusio por cujos corredores resoam hoje as botas dos soldados da guarda, e que cobrava fóros até ás portas do Porto, agora, digó, a mesma ideia liberal (*liberalenga* lhe chamava de Londres em 62, Antonio Ribeiro Saraiva) praticamente demonstrava que não dava melhores nem peores fructos setenta e sete annos depois!

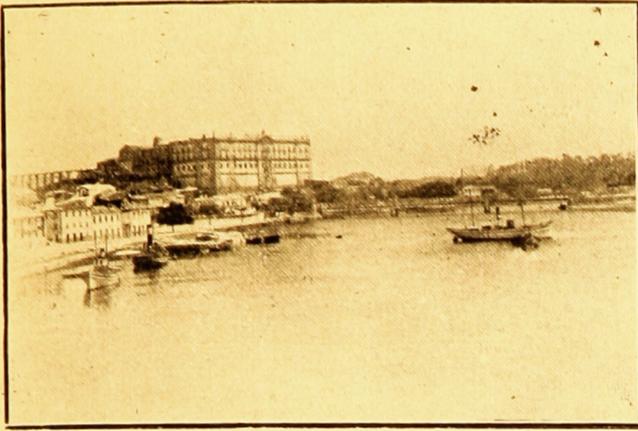
Citei o caso a um emigrado politico das incursões realistas, meu amigo e contemporaneo de Coimbra, que me adduzia ainda fervorosos argumentos em pró dos seus sonhos. E foi como um banho frio! Excellente rapaz e pobre sonhador que as primeiras, ainda as primeiras desillusões, começam de crestar!

Francamente, entre a conversa do abbade Pedrosa e a tua, Carlos, prefiro a d'elle n'aquella manhã. A tua, avivou-me o sacrificio que a anarchia de hoje me impõe e a salvação da fé do nosso povo reclama—mas fez-me triste, que tristezas passeei n'aquella noite pelas ruas desertas da villa. A d'elle, fallando-me ao sangue, ás minhas tradições de familia, christãs e politicas, levou-me pelo braço até um tempo onde a minha desillusão se acha bem, ao veio d'oiro puro d'onde eu, em horas de desalento algente, vou extrahir a força da minha esperança nos dias de amanhã quando nós, os velhos—rapazes de hoje formos os trenados homens—velhos que por muito saberem vê e ouvir, poderão ensinar o caminho verdadeiro aos que hoje balbuciam no regaço quente de suas mães e a uma parte dos que, indêmnos, soletram nas escolas primarias e nos collegios!

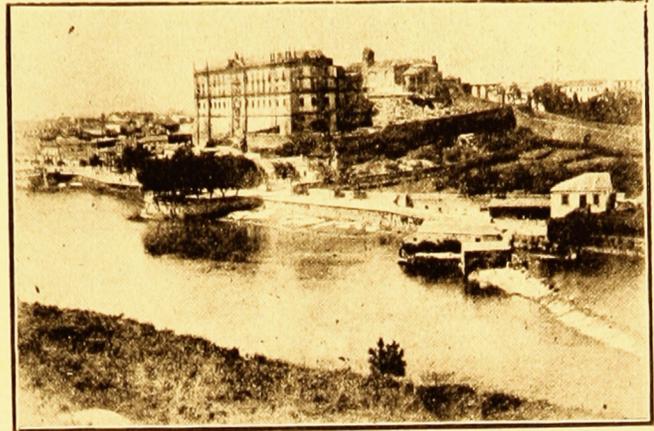
... No dia seguinte, marchei “té riba Tamega...”, hontem subi, como alpinista dextro, a um monte fronteiro á quinta de Pensos, chamado Meirinho. E' um cabeço árido onde estevas e tojos bravos rastejam, e aonde só chegam os refulgos espumantes do Tamega nos açudes, e gritos de aves nos pinhaes dos sopês; sublinhando de escuro a linha branca dos rochedos que cascateiam o rio por ambas as margens. Lá do cimo, um vasto panorama todo o olhar abraça! Vé-se o ponto de confluencia do Douro com o Tamega, e todo o valle do rio patrio se denunciava, sob um estirado docel de névoa, entre as montanhas, azulejando ao longe, e mais ao perto arroxando, sob os raios do Sol triumphal da manhã. Mais para a esquerda, o Tamega entalado das rapidas vertentes fragosas cinzento e vêrde escuro, com rápidas manchas brancas de espuma. Sobre a margem direita, uma aldeia alegremente dispersa no flanco da montanha: Rio-de-Moinhos. Ao longe na margem esquerda, como um grito de alvura, a massa sombria dos pinheiraes interminos, o velho mosteiro de Villa Bôa do Bispo, casa de campo dos cruzios do Porto que, por inutil, elles venderam a um Vieira de Castro...

Que silencio! Bateram ha pouco onze horas; o rio continúa o seu sussurrar surdo de espuma; e sóbe para nós uma cantiga de vindimadores, de sob as ramadas vêrdes opulentas!

Villa do Conde



Casa de correcção



A villa sobre o Ave

Muito elegante, modesta e recatada como a genuína graça portuguesa, é Villa do Conde, aristocrática e popular, ciosa de tradições, zelosa de pergaminhos. A villa um encanto, meia marinhe, meia camponeza, como se não acertasse em decidir-se pelo mar que a banha, pelo rio que a namora. E possui a bella casa de correcção sobranceira ao rio, o acueducto, e uma linda matriz, cujo portico manuelino decerto teceram, na almofada de bilros, as gentis villacondenses, tal é a finura do rendilhado. E' assim Villa do Conde, graciosa e bella, muito elegante, modesta e recatáda.



A Egreja Matriz



Na praia



O estaleiro

Excursão dos Empregados do Commercio do Porto a Penafiel



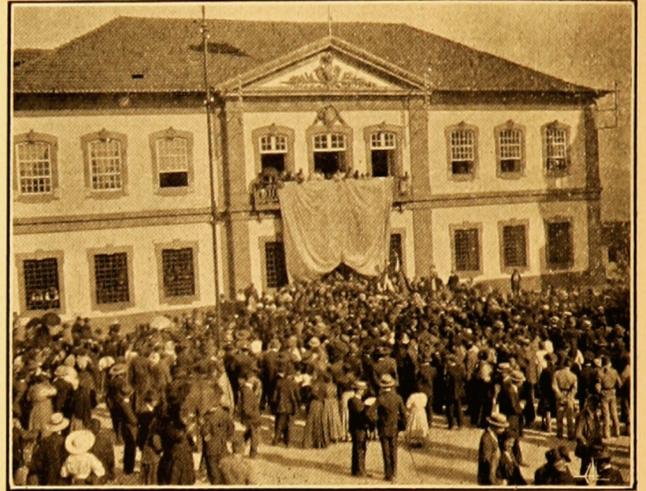
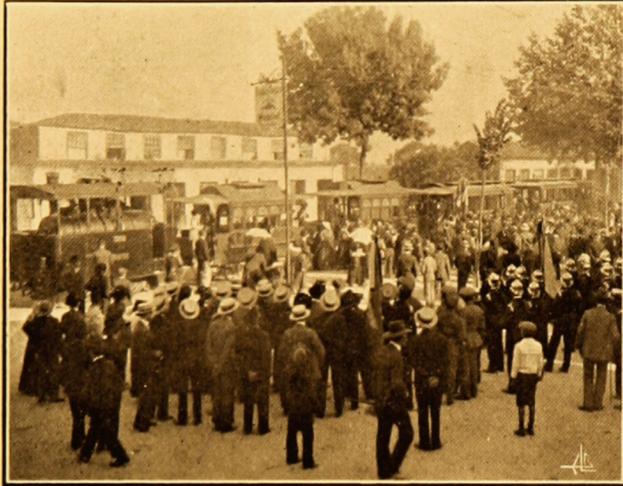
Realisou-se recentemente uma excursão dos Empregados do Commercio do Porto a Penafiel. Reproduzimos alguns aspectos d'esse passeio que esteve animadissimo. Representam:

1—O povo e associações locais, aguardando os excursionistas.

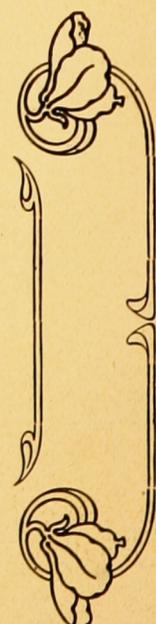
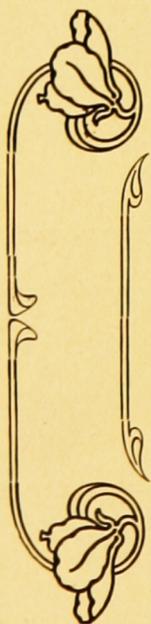
2—A chegada do comboyo.

3—O cortejo chegando á Camara, onde houve sessão de boas-vindas.

(Phots. Braz Ferreira de Souza Carneiro.)



Da Povia de Varzim



A Capella de N. Senhora das Dores na Povia de Varzim, por occasião da festa alli pomposamente celebrada em 17 de Setembro, á sahida da procissão

(Phot. Julio d'Oliveira Luz.)

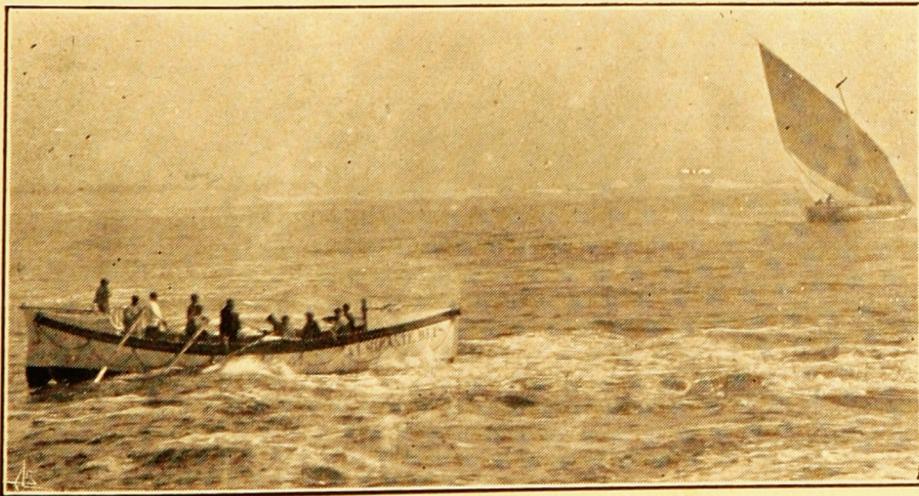
Senhor!

Senhor! Senhor!
Ouve este grito,
Cura esta dor,
Estou afflicto!

Sabes que eu amo...
Todo este amor
Em que me inflammo
E' teu, Senhor!

Só teu; não mintlo.
Mas que dor esta
Que n'alma sinto
E que me cresta.

E eu já não posso.
Eu desfalleço...
Ah! que destroço...
Tudo mereço...



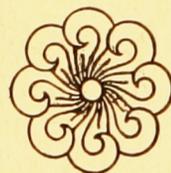
21-Set.-1911.—O salvavidas da Povia de Varzim soccorrendo
um barco em perigo

(Phot. O. Luz).

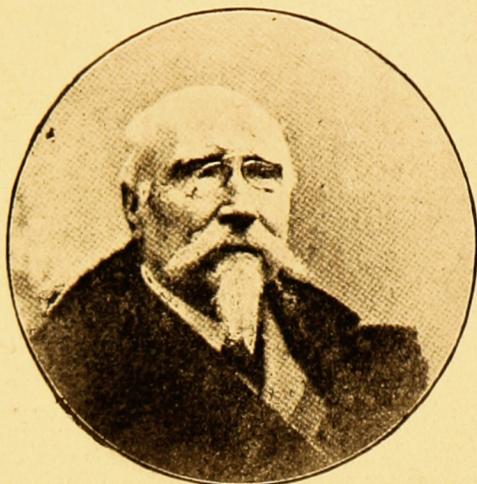
SANTANDER—Residencia
dos jesuitas
Imagem do S. Coração de Jesus;
(esculptura de M. Castellanas)

Mas todo o amor
D'este meu peito
Arde, Senhor,
Vivo e perfeito.

FRANCISCO SEQUEIRA.



Hespanha



José Echegaray

Escriptor hespanhol fallecido ha poucos dias. Foi dramaturgo excellent sob o ponto de vista litterario, chegando a conseguir o premio Nobel.

Sob o ponto de vista moral, nem tudo é ouvavel, infelizmente, na sua obra artistica.



CORUNHA.—Monumento á Condessa de Pardo Bazan, insigne escriptora hespanhola, o qual vae ser inaugurado brevemente. Obra esculptorica de Collant Valera.



Um jantar ao estylo mourisco, que foi offerecido por Maimim Mohatar, chefe mauritano, ao Rev.^o Snr. D. Antolin Lopez Pelaez.

Este Prelado proferiu um discurso elogiando o valor do Exercito ao serviço da Patria e incitando todos a proseguir o labor accommettido, com os olhos fitos em Deus e na Patria.

Hespanha, com sensato critério, está procurando fazer em Marrocos uma notavel penetração pacifica. Melilla, por exemplo attinge uma prosperidade notavel, como se viu na recente exposição hispano-marroquina.

Entre as importantes personalidades que alli foram, conta-se o insigne escriptor, Arcebispo de Tarragona. Foi alli extremamente obsequiado, sendo um quadro interessante o que reproduzimos aqui:

Paginas d'Arte

A FRANCISCO VELLOSO.

A pintura religiosa do nosso seculo tem o seu legitimo representante n'um soldado francez, que voltou o anno passado do combate, por ser pae de seis filhos.

Continua gloriosamente a escola de Fra Angelico, estudou com Raphael e podera considerar-se discipulo de Ingres e de Puvis de Chavannes.

E' Maurice Denis.

Acabou recentemente os episodios da Vida de S. Paulo, que vae expôr no Museu das Artes Decorativas no Louvre, antes de seguirem para o seu verdadeiro destino a Igreja de S. Paulo em Genebra.

Apezar de novo—quarenta e seis annos—tem uma obra muito vasta e complexa.

Os aposentos do conde Keseler em Weimar, a *Eterna Primavera* para M. Thomas em Bellewe, a *Historia de Psyché* para M. Morossof em Moscou, *Tarde Florentina* para M. Stern, *A Idade do Ouro* para o principe de Wagran, o *Theatro dos Campos Elyseos*, attestam exuberantemente a riqueza e a facilidade do seu pincel. Mas a obra symbolista e christã de Maurice Denis está na igreja parochial de Vésinet.

E' em volta de dois themas centraes —a Capella do Coração de Jesus e a capella da Virgem—que se desenrolam os motivos da decoração.

De todas as naves e de todas as abobadas, sobre um fundo verde esmeralda e amarello d'ouro, com nuvens metalicas, encaminham-se os anjos para o Coração de Jesus. A capella é de effeito soberbo, com uma luminosidade intensa de fornalha, vermelho-braza. Ao centro apparece a Imagem Divina. E em torno d'ella, vibrantes de fogo, palpitam longas azas de espiritos celestes, em recolhimento e adoração.

A capella da Virgem é de uma alvura immaculada. No firmamento azul perpassam côros de anjos, atirando flôres ou cantando. Nos pedestaes enlaçam-se grinaldas de lilazes. O deambulatorio, que liga as duas capellas, é ornado de vitraes mysticos: *A verdadeira vinha, A flôr dos campos, O lyrio do valle, A fonte que refresca...*

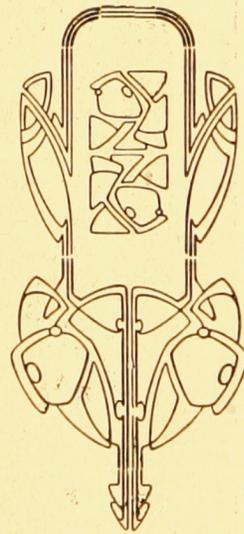
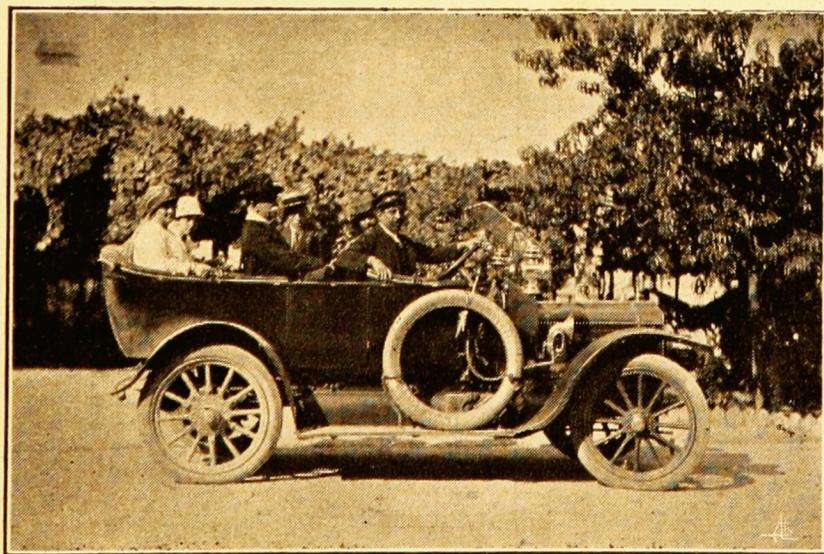
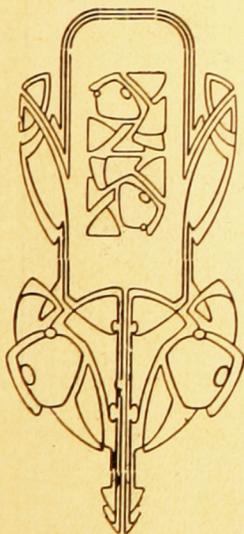
Rosas estylisadas abraçam-se nas vezouras.

Por vezes um farrapo do ceu foi semeado de boninas. Do roda-pé sombrio crescem rosaes que vão desabrochar em macissos claros nos modilhões.

E os pampanos, os cachos fingidos, as assucenas os lyrios, as espigas de trigo emolduram graciosamente os *panneaux* e os vitraes.

MANOEL SEMBLANO

No verão

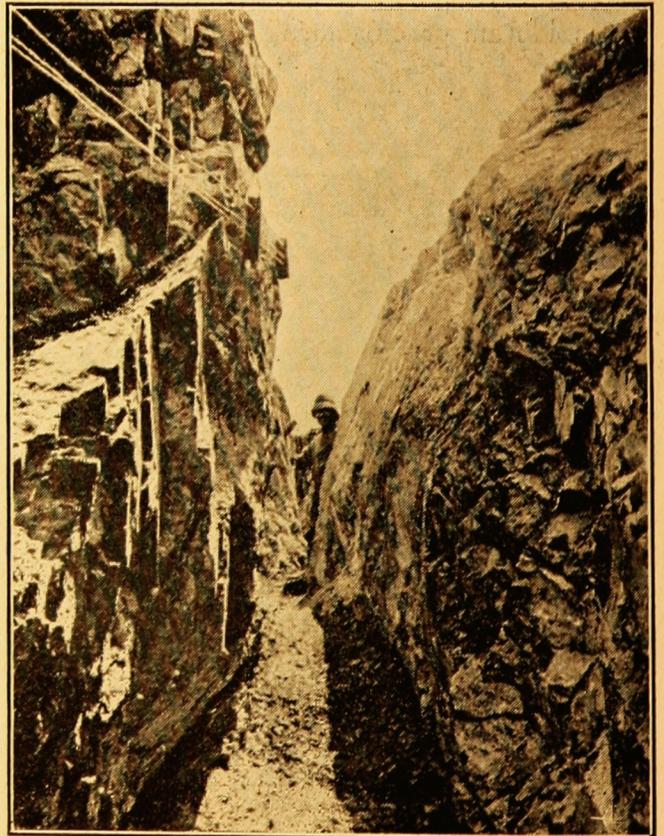
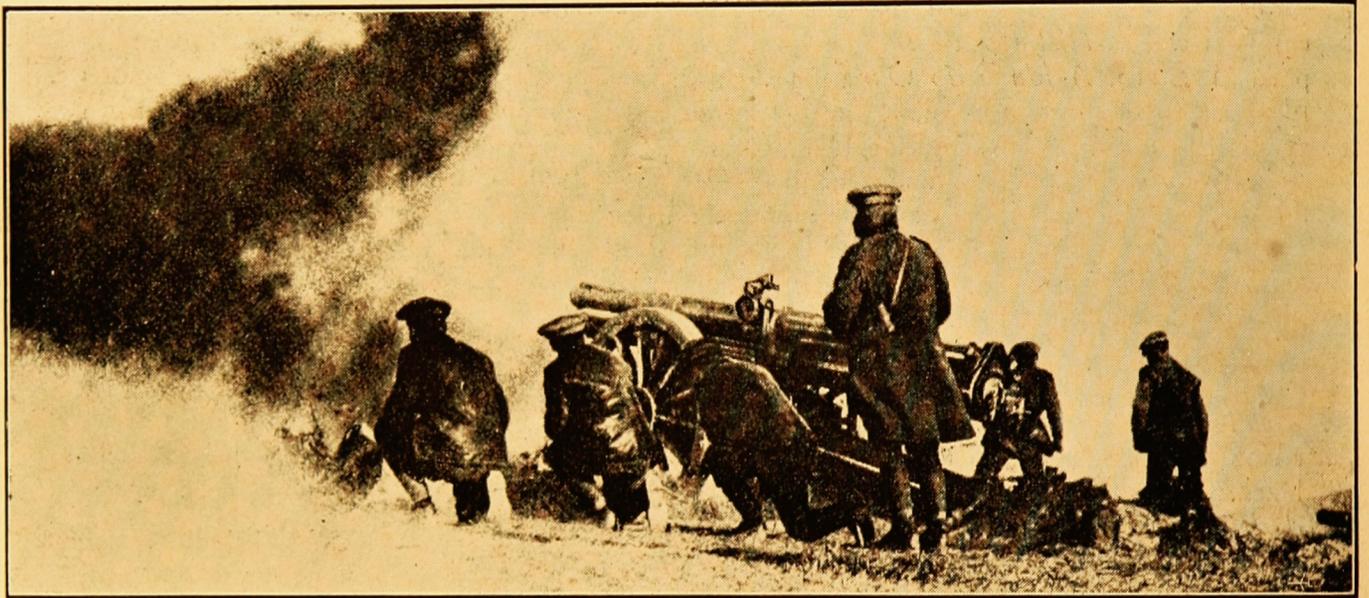
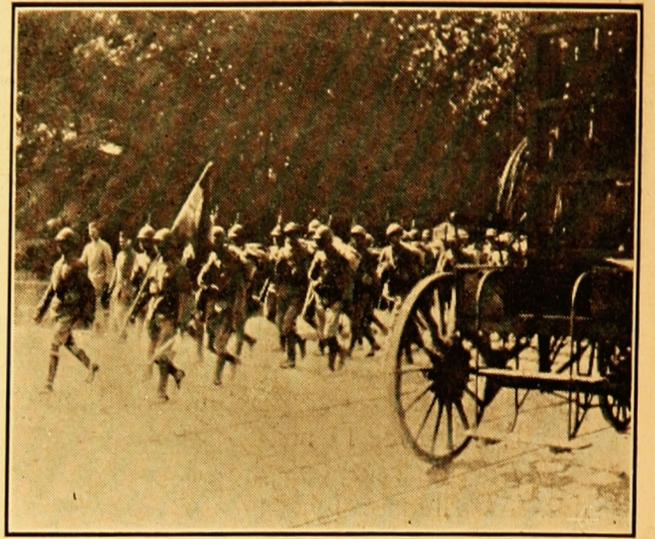


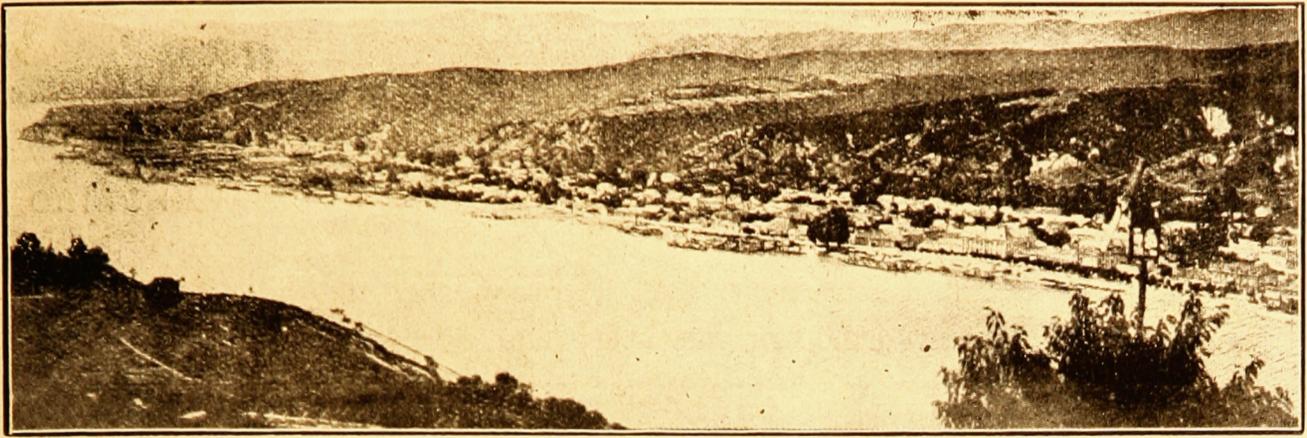
Um passeio de automovel

(Cliché de J. Luz)

PAGINAS DA GUERRA EUROPEIA

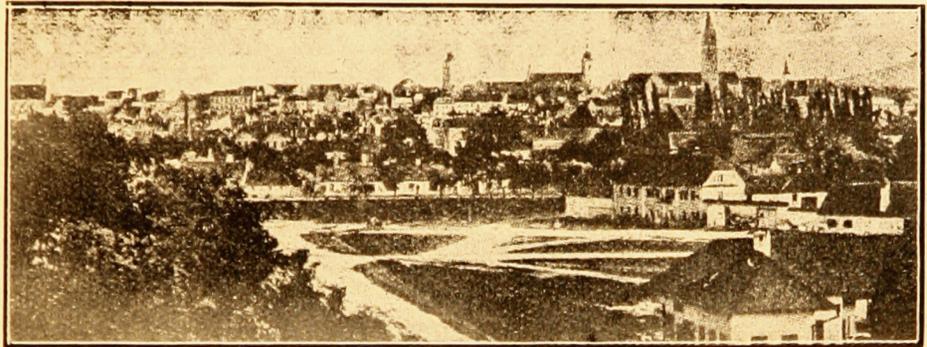
- 1—Primeiras tropas servias que reentraram no territorio patrio.
- 2—Na frente de Salonica. Canhão inglez disparando.
- 3—A ultima esperança allemã, O marechal Hindenburgo e seu ajudante.
- 4—As linhas francezas na frente bulgara. Comunicação entre trincheiras.



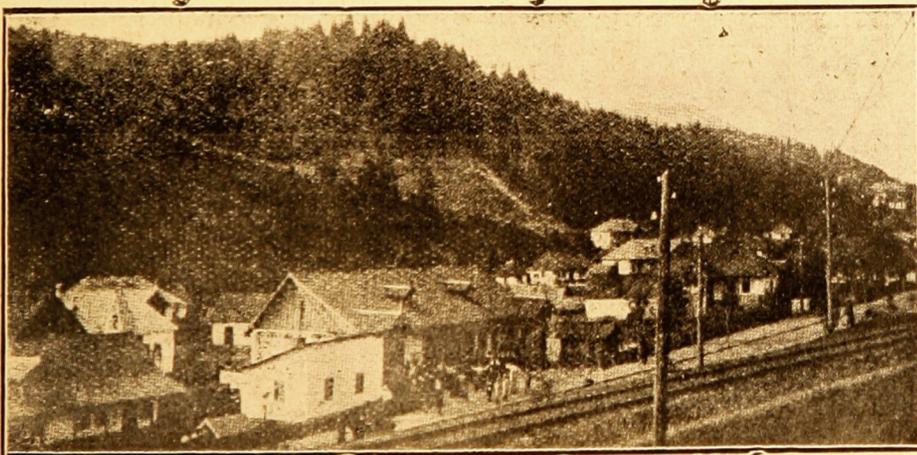


Orsova, capturada pelos rumanos

A entrada dos rumanos no conflicto europeu veio trazer á guerra, novas orientações e abrir problemas novos tambem. A Romania entendeu que as suas tradições latinas lhe exigiam a participação no duello entre os dois grupos, e que a sua intervenção poderia apressar a hora,

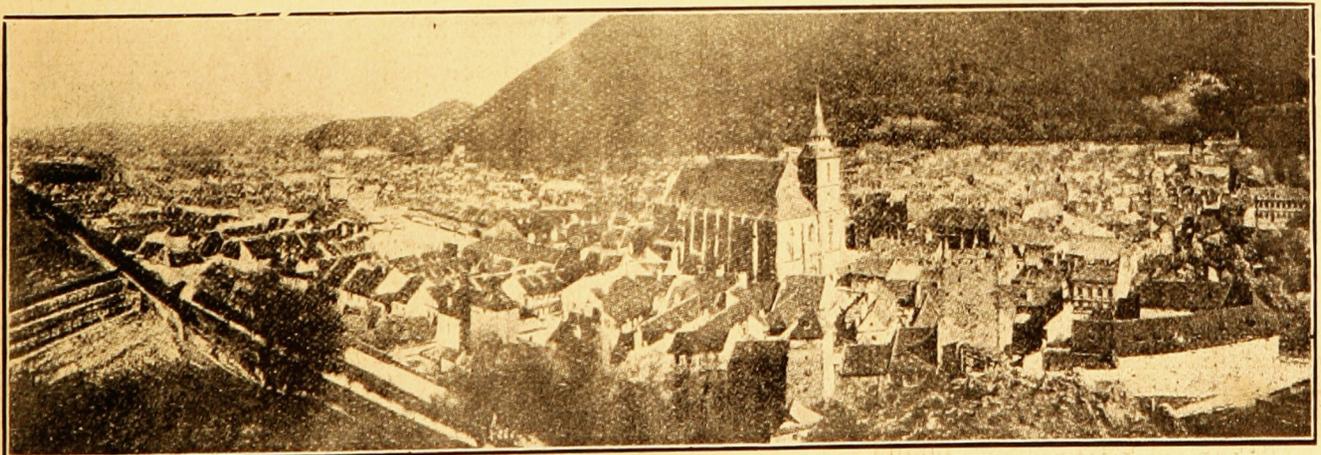


Hermanstadt, evacuada pelos austriacos



Povoação e caminho de ferro de Predeal, cerca de Kronstadt

da paz. Mas não deixa de aproveitar reivindicando o seu territorio irridento. Logo depois de a guerra declarada por sua parte, a Romania entrou no territorio da Transylvania austriaca, rumana por exigencias ethnicas e historicas, e... as quatro photographias d'esta pagina commemoram-lhe as primeiras vantagens... *Traisca Romania!*



Brasso, capturada pelos rumanos depois da tomada de Predeal

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Outomno

Minha amiga; Ha dois longos, amargurados mezes, que os meus olhos não poisam sobre o Watam forte, mordido a um canto por uma aguia d'oiro, onde a sua lettra inglezada e viva, espelha — atravez dos seus nervos e dos seus caprichos — a sua alma irrequieta e amiga. Presumo-a no mar, silenciosa, vaga, na coberta toldada d'algum monstro civilisado da *Cunard*, cortando salgadas ondas, que descobrem gaientemente os flocos brancos da sua grenha d'espuma, á passagem triumphante do enorme transatlantico, que a affasta do seu condado acolhedor, das suas flores, das suas arvores, como um raptor audaz, cioso da presa, para o snobico tumultuar d'essa America juvenil e ardente, á procura d'um calmante para os nervos ladinos da boa tia Mary, sempre crivada de dores e de impertinentes dividas. Vejo-a adormecida na cadeira bamboleante de bordo, o *Musset* despresado, cahido, indifferente, á hora galante do chá, recolhido na sua capa de velludo velho, ensimesmado, meditando, como se observasse no chalrar estridulo da raparigada, que alegra a melancolia do mar correndo frivola pelo tombadilho, aquella indifferença inconsciente e fria, que dá ás almas a tranquillidade e a paz. Talvez que as suas folhas estremeçam recolhidas no primeiro arrepio do sol outoniço e aquellas maravilhosas, intimas, surprehendedentes paginas do outubro, se ufanem orgulhosas d'aquella recolhida tristeza que se cõa das nuvens, d'aquella luz discreta do sol, que amansa e desce na quaresma amargurada da natureza. Azas pandas de gaivotas riscam o ceu lavado, azul tranquillo, fechando o scenario ondulante das ondas e na ponte arripiam silvos agudos de commando. E' a hora quieta das recordações e das saudades, a hora intima do remecher na alma, o momento dos sonhos fugidios, do sopesar amargurado do que somos, do que valemos que é nada ante essa immensidade que nos cerca, da pouca energia que sabemos impôr-nos, enfim tudo o que sentimos e queremos, pensamos e ambicionamos, que sobe e se esbo-roa como o penacho negro do fumo da caldeira, n'esse instante discreto e recolhido como o pôr do sol n'uma aldeia longinqua. E' assim que sonhamos d'olhos abertos, incapazes d'uma iniciativa, d'uma resolução, d'um movimento, alma tomada d'esse quebranto que emballa, adormece, distancia... E dominados pela saudade, que é sempre— Deus louvado—o reverso amavel do nosso sonho, a esse unico pensamento a nossa alma a nossa vontade, o nosso fim, se amolda, humilha, escravisa, como subitamente reduzido, escravizado nas formulas severas, irreductiveis d'um mecanismo subtil. E' a saudade immensa que a natureza tambem n'esta hora reúne— nos campos varridos pela ceifa, nas arvores que despem a sua tunica de folhas como arripios de convalescentes, nos rios que enrouquecem, nas levadas que choram, nas fontes que murmuram contritas, recolhidas, como se mordida do arrependimento ajoelhasse, e no seu peito farto, batesse, batesse, em subtil penitencia, a culpa original de sua grandeza.

E' o Outomno que chegou com a sua magua e os seus poentes roxos, a sua tristeza e a sua luz discreta, o sol rasteiro a chapar nos campos onde já não ha o oiro fulvo das cearas, nem a alegria fecunda do verão. E' por isso talvez que a minha alma, n'esta hora religiosa do entardecer, vendo o fumo ennovelar-se dos casaes e as primeiras sombas como prenuncios beijarem as paredes caiadas da velha igreja retirada, se compenetra d'amargura das arvores despidas, dos poentes longinquos limpidos como a pupila luzidia d'um tysico, que o vislumbra como o derradeiro clarão e bate azas, vae irrequieta e feliz até si, minha querida amiga, que é a primavera eterna da minha vida...

Padre Antonio Vieira

POR JOSÉ AGOSTINHO.

Vieira, assim satisfeito, exultou de piedosa alegria, e quiz logo partir. Mas D. João IV entendia que o eminente Jesuita podia dirigir de Portugal as Missões e prestar-lhes entretanto, serviços que em ninguem achava tão valiosos e puros.

Assim, oppoz-se terminantemente a que elle seguisse viagem. A lucta foi tenaz e calorosa, tão grande, que Vieira appellou para uma Junta constituída pelos Reitores dos Collegios que por aquelles dias faziam a sua Congregação triennial na Casa Professa de S. Roque.

Accedeu el-rei, propondo a essa Junta, composta de 40 Religiosos, que deliberasse se era ou não util deixar seguir Vieira para o Maranhão.

O eminente Jesuita, porém, compareceu e fallou antes que deliberassem. O padre André Barros attribue-lhe um pathetico discurso, que todo era supplica de o deixarem partir e diz que, pronunciado elle, deixou o Congresso. A Junta, empolgada pelas suas palavras ardentes, vacillou algum tempo, mas votou por maioria que era util deixar seguir viagem ao eminente Jesuita.

E el-rei resignou se. Mas nos cortezãos levantou-se opposição a essa viagem. Oppunham-se uns por politica, outros por inveja, outros por interesse.

Não desarmavam ainda os traficantes do Maranhão. Eram impenitentes os inimigos de Vieira, radiantes sempre que o contrariavam.

Mas, se esta nova pejeja foi rude, tambem a victoria de Vieira muito avultou, e no dia 16 de Abril de 1655 embarcava, como tanto era seu desejo, depois de escrever a um Padre muito amigo ou, pelo menos de grande auctoridade, uma carta que a seguir publicamos.

(Continúa.)

Casa das Travessas

9.º neto por Manuel S. de Brei, de Gregorio Soares. 10.º neto de Antonio Soares e de D. Felizarda Soares. 11.º neto de Gregorio Soares, Alcaide-Mór de Braga. 12.º neto de Diogo Soares o 'Beja' e de D. Ignez de Brito 13.º neto de Heitor Soares de Tangil, senhor da fortaleza e solar d'este nome em Valladares e Alcaide-mór de Castro-Laboreiro e de D. Senhorinha Gomes Pereira do Lago, filha dos senhores da torre e villa da Feira que depois, foram condes da Feira. D'estes Pereiras procede o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira e d'este, por sua filha, a casa de Bragança e os reis de Portugal. 14.º neto de D. Lourenço Soares de Valladares, 15.º neto de D. Lourenço Soares de Valladares e de D. F. filha de D. Affonso Soeiro de Tangil. 9.º neto por D. Magdalena de D. Lopo de Castro Azevedo da Silva Coutinho, senhor da illustre casa de Fexo em Melgaço e de D. Leonor Velloso Bacellar de Souza Magalhães. 11.º neto por esta de Gonçalo Esteves Lobato que teve o fôro de escudeiro-fidalgo e foi senhor da antiga casa da Carvalheira em Valladares e de D. Guiomar Velloso de Souza Bacellar. 11.º por esta de Gonçalo Esteves Bacellar e de D. F. 12.º neto por esta de Antonio Rodrigues de Caldas e de D. Leonor Velloso de Sousa Bacellar. 13.º neto de Gomes Rodrigues de Caldas e de D. Brites Alvares Lobato, filha de Ruz Lobato de quem descendem muitas casas illustres. 14.º neto do já referido D. Garcia Rodrigues de Caldas e de D. Leonor de Souza. 15.º neto pela mulher de Antonio Rodrigues de Paio Velloso, fidalgo da casa real, regedor perpetuo de Bayona na Galliza, cargo muito nobre, e senhor de Monterejal e de D. Clara Genebra Fernandes. 14.º neto por esta de Ruy Bacellar e de D. Leonor Pereira de Castro, filha de Affonso Pereira da Lago, fidalgo e vedor da Fazenda de D. Affonso V, senhor da casa do Sopegal em Monção e chefe dos bons Pereiras. Ruy Bacellar era por sua mãe senhor do solar dos Bacellares, da honra de Mira, e do Padroado de Cerdal por ser filho, neto e descendente dos senhores dos mesmos solares, honra e torre que succederam nos Paços de Lara pela descendencia de D. Senhorinha Vasques que procedia do conde D. Alvaro Nunes de Lara que se tornou notavel na batalha das Navas de Tolosa em 1212 e que andando na expulsão dos mouros fez alli novo solar, sendo tambem senhor do solar de Lara precedido de um que foi fronteiro-mór de Tuy, e de D. Marianna de Chantos, filha de João de Chantos, Condestavel de Inglaterra, Duque de Leforcía e senhor de Curia na Hespanha. 14.º neto de D. Alvaro Velloso, regedor perpetuo de Bayona, senhor de Monterejal e de D. Violante de Benevides da nobilissima casa dos Sottos-Maiores. D. Alvaro veio para Portugal no tempo de D. Affonso V com seu primo D. Pedro Alvares de Sottos-Mayor 1.º conde de Caminha. D. Violante era filha de Vasco de Oja, senhor de Mol-

des e Costa de Moja. 15.^o neto de D. Fernando Velloso, conde da Galliza e Leão, senhor da Cabreira e Ribeira e de quem procede a maior parte dos titulos na Galliza. 16.^o neto de D. Aljara Paes, senhora da Ribeira e do conde D. Rodrigo Velloso que deram origem aos Araujos. 17.^o neto do infante D. Sancho Velloso e de D. Moninha Forjaz, que era filha do conde D. Forjaz Vermuiz de Trastamara pelo qual el-rei D. Affonso de Leão chorou na tomada de Oviedo e de D. Sancha. 18.^o neto de D. Ramiro III, rei de Leão e Asturias e de sua mulher D. Ermenezinda. 10.^o neto por D. Lopo de C. A. Azevedo de Mello da Silva Coutinho, senhor da casa e Morgadio de Fexo e de D. Izabel Soares Teixeira filha de Ruy Soares de Tangil, senhor de Ventrazes de quem procedem nobilissimas familias do Minho. 11.^o neto de Lopo de Castro Azevedo de Mello da Silva Coutinho, o primeiro de nome na dita casa e de D. Izabel Soares Pereira, filha de Diogo Soares Beja e de D. Ignez de Brito Lopo de Castro. 12.^o neto de D. Fernão de Castro, Alcaide-mór de Melgaço, senhor de Sanguinhedo e Couto de Parada, com illustre descendencia e de D. Joanna de Azevedo, filha de Lopo de Azevedo, senhor da velha casa solar, Torre e Quinta de Castro em Carrizado, de Amares, de Ponte do Sôr e Alcaide-mór de Cintra, morto na batalha de Alfarrobeira e de D. Brites Gomes de Aragão, dama da infanta D. Izabel, esposa do infante D. Pedro com quem veio a este reino. Lopo de Azevedo era descendente dos senhores da casa e torre de Azevedo estes de D. Arnaldo de Baião que por sua vez descendia dos imperadores da Allemanha. 13.^o neto de D. Martim de Castro, senhor das mesmas terras de seu pae e ainda de Sanguinhedo e Couto de Parada, Alcaide-mór de Melgaço e Castro Laborreiro e de D. Leonor Gomes Pinheiro. 14.^o neto de Martim Gomes Lobo (Alvito) dos nobilissimos Lobos de Evora e de D. Mór Esteves Pinheiro. 15.^o neto de Tristão Gomes Pinheiro senhor da nobilissima casa solar dos Pinheiros de Barcellos, fidalgo gallego que foi o tronco illustre dos Pinheiros de Portugal e só por ordem do 1.^o duque de Bragança fez construir os muros de Barcellos de cuja villa foi Alcaide-mór, e de D. Branca Esteves de Ouziz do muito velho solar, casa e torre de Ouziz na freguezia do mesmo nome. 14.^o neto de D. Diogo Gonçalves de Castro e Azevedo, senhor da casa de Azevedo e da torre de Castro e dos mesmos senhorios de seu pae, Padroeiro de S. Gens de Montelongo e de metade da igreja de S. Clemente no Arcebispado de Braga, e de D. Aldonça Coelho que teve razão no convento de Grijó, filha de D. Maria Pires e de João Coelho que foi o primeiro que teve razão no referido convento de Grijó, senhor das terras de Bouro e descendente por varonia do grande capitão D. Martinho Viegas, o Gasco que fundou o mosteiro de Santa Eulalia de Vandoma e reedificou a cidade do Porto arrazada por Almançôr rei de Cordova, juntamente com seus filhos e seus irmãos o bispo S. Sisnando e D. Nonego bispo de Vendome em França. 15.^o neto de D. Affonso Pires de Castro, senhor de Sanguinhedo e couto de Parada por mercê de D. João I. 16.^o neto de D. Pedro Fernandes de Castro, o primeiro que se passou a Portugal e de D. Maria Dade, senhora do Paço de S. Martinho de Conde e de muitas terras, no termo de Guimarães, filha de D. Martim Dade, Alcaide-mór de Santarem, senhor das terras de seu pae e da quinta do Outeiro em Rugil e de D. Tareja Fernandes de Seabra. 17.^o neto de D. Fernão Anes de Castro, illustre fidalgo gallego, senhor de Fornedos e de D. Elvira de Valladares, filha de D. Rodrigo Paes de Valladares, Mordomo de D. Sancho I, do seu conselho, Alcaide-mór em Coimbra, pae de S. Frei Gil, e de D. Maria Pires de Azevedo. 18.^o neto de D. João Fernandes de Castro primeiro senhor de Fornedos. 19.^o neto de D. Fernão Pires de Castro. 20.^o neto de D. Pedro Fernandes de Castro, o "Castelhano" Alcaide-mór de Toledo, rico-homem e de D. Maria Sancha filha de D. Fernando II rei de Leão. 21.^o neto de D. Fernando Rodrigues de Castro, Alcaide-mór de Toledo e de D. Estephania sua sobrinha, filha legitimada de. 22.^o neto de el-rei D. Affonso IV de Castella. 22.^o neto de D. Rodrigo Fernandes de Castro, rico-homem e Alcaide mór de Toledo e de D. Estephania Pires de Trava filha. 23.^o neto do conde D. Pedro de Trava e da condessa D. Elvira. 25.^o neto do infante de Navarra D. Fernando e da condessa D. Maria Alvares, senhora de Castro filha de. 24.^o neto do conde D. Álvaro Fernandes Minaia, senhor de Castro Xerez, rico-homem, neto de Fernão Laines, descendente de Lain Calvo que foi juiz nas differenças de el-rei D. Faruella. 24.^o neto do rei D. Sancho I, de Aragão e Navarra de quem o infante D. Fernando era filho legitimado. 25.^o neto de D. Ramiro I, rei de Aragão e de D. Ermenezinda filha. 26 neto de D. Bernardo Rogeio, conde de Bigore. 26.^o neto de D. Sancho I o "Maior", rei de Navarra e Aragão, e de D. Elvira, condessa de Castella. 27.^o neto de D. Garcia o "Temeroso", rei de Navarra, e de D. Ximena filha de. 28.^o neto do conde D. Diogo Soares que sucedeu a seu pae em todos os seus estados e de D. Munia, irmã de S. Sisnando, bispo de S. Thiago e a nobos filhos de. 29.^o neto de Hermenegildo, conde de Portugal e Tuy e da condessa Paferna que foram os progenitores da familia Souza. 29.^o neto do conde D. Soeiro Soares que succedeu na casa e senhorios de seus paes e de D. Urraca filha de. 30.^o neto do conde D. Gonçalo Munias, principe das Asturias e da condessa filha de. 31.^o neto do rei D. Bermudo I de Leão. 30.^o neto de D. Soeiro Fernandes que venceu os mouros no C. das Figueiras, terminando por esta victoria o infame tributo de Mauragato. 31.^o neto de Ferrando Ferrandes, Alcaide-Mór da Lugo e Alferes-mór do rei D. Faruella I, seu primo, e de D. Maria de Ulhoa apellido dos mais illustres na Galliza. 32.^o neto de Sona Fernandes conde da Galliza, rico-homem, Alcaide-mór de Lugo, que esteve no 15.^o Concilio Toledano celebrado em Covadonga com el-rei D. Pedro Pelagio, e de uma irmã de D. Affonso I o "Catholico". 33.^o neto de Froila Ferrandes, rico-homem que viveu no reinado de Wamba, e de D. Fabira segundo a tradição Froila era descendente do principe Ferrando, rei da Galliza que hospedou no seu palacio o Apos'tolo S. Thiago de quem recebeu juntamente com a rainha sue mulher, o Baptismo e o conhecimento da religião de Christo. São estes o tronco dos Castros de Portugal e Hespanha.

FIM.

Monte Pio do Clero Secular Portuguez

successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'edade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcebispo, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incursó em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, em Braga, ou ao Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monsão; ambos são socios correspondentes do Monte Pio.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem freito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

Frigideiras e Restaurante

CASA DO CANTINHO



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrin, corte doirado, 540 réis.

MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrin, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Franco de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—TUY.

Arte e Religião

Officinas de escriptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Ferreira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Hotel e restaurante

Garrido

VIZELLA

Este afamado hotel está situado no centro da povoação e muito perto do estabelecimento dos banhos.

Bom e limpo serviço de mesa, quartos arejados e luxuosos. Seriedade em todos os seus contractos. (80)

Dirigir ao proprietario

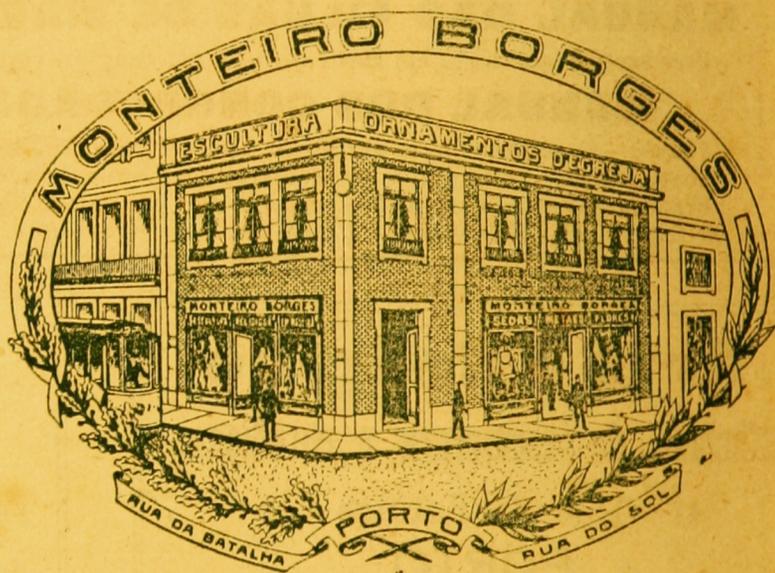
José Garrido Vasques

As Egrejas

Fornecem-se d'esta casa por
ser a mais completa no seu
genero em Portugal.

ALFAIAS

Ricos modelos em objectos de
prata, cristofle, metal e cristal fino



PARAMENTOS

O primeiro *stok* de paramen-
taria e os maiores *ateliers*.

IMAGENS

A mais bem montada officina
de *Esculpturas religiosas em ma-
deira* mas só de madeira, as
quas poderão ser admiradas
atravez dos seculos.

*Faça-se um
confronto.*